

EDITORIAL**BIG para os grandes**

Quando iniciámos a aventura de *BIG* – “a revistinha das crianças fantásticas” – nós da equipa editorial, juntamente com o ‘centro’ responsável pelas crianças dos Focolares (os Gen4), estávamos convictos de que esta proposta não se poderia limitar à revista em papel, dedicada às crianças, mas devia fazer parte de um projeto educativo mais amplo, como estava nos planos de *Cidade Nova*, desde a sua fundação. De facto, nos primeiros números da revista, vindos à luz em 1956 e impressos com uma matriz a álcool (stencil), havia uma rubrica para crianças e pais, conjuntamente... Ora bem, após um ano abundante de *BIG*, conseguimos produzir um anexo dedicado a pais, avós, educadores, professores e catequistas, com breves ‘deixas’ que explicam porque é que uma emoção é importante, no desenvolvimento da criança, e como se devem utilizar as diversas rubricas... Trata-se de um instrumento que, em conjunto com o ‘sítio’ que estamos a realizar, oferecerá um “pacote educativo” que, esperamos, possa ser útil nestes tempos em que a família e a infância em geral, são ameaçadas de muitas partes. Boa leitura!

Michel Zanzucchi

Porque dizemos “blheh”?

o desagrado, uma emoção inata

MARIO IASEVOLI*

Na era do progresso tecnológico e dos consumos, aquilo que nos distingue das máquinas (e esperemos que seja por muito tempo) é a capacidade de experimentar e partilhar emoções, característica humana fundamental de qualquer experiência e relação com os outros e com o mundo. A própria etimologia da palavra “emoção” (de *ex-movere*, isto é, mover para fora) tem a ver com um certo ‘movimento’ de dentro para fora, de nós para os outros. Portanto, o empobrecimento emocional constitui um obstáculo importante na nossa vida, e de maneira mais significativa na vida das crianças. Querendo recolocar as emoções no seu devido lugar, *Big* decidiu promover um percurso de **educação para as emoções** destinado, tanto aos pequenos leitores, como às principais figuras educativas (pais, avós, professores, animadores...). Um itinerário que já percorreu algumas etapas (medo, felicidade, vergonha...), mas que tocará muitas outras, tais como, raiva, ciúme, tristeza.

Neste número detemo-nos no “**desagrado**”. Juntamente com a raiva, o medo, a surpresa, a tristeza e a alegria, muitos autores consideram o desagrado como uma das emoções universais, isto é, inatas que estão presentes em todos os povos. Do ponto de vista psicológico e evolutivo esta emoção permite-nos afastar eventuais perigos ou experiências desagradáveis que poderiam ameaçar o nosso bem-estar. É desde muito pequeninos que se começa a experimentar o desagrado e, inicialmente, ele está estreitamente ligado à recusa de sabores e cheiros que nos são desagradáveis. Com o passar dos anos, este termo adquire também um **significado psicológico**, ligado a tudo o que precisamos de afastar para o nosso bem-estar, inclusive comportamentos, pensamentos, pessoas, e até, em certos casos, nós próprios. Neste último caso, poderemos falar de **desprezo**.

Concluindo, é bom recordar que as emoções não são boas nem más, sendo errado considera-las bestes termos [morais], pois todas elas servem para nos *sentirmos vivos*.

* Psicólogo do desenvolvimento e da educação

A aventura começa!

Com *Big* experimentamos envolver-nos e crescer juntos
com os nossos filhos, netos, alunos...

EZIO ACETI*

Com grande alegria, iniciamos um relacionamento/diálogo com os leitores de *Big*. Perguntámos às crianças, ou melhor, à criança dentro de cada um de nós, autorização para inserir sugestões de reflexão e diálogo para quem se dedica à educação. Cada criança é fruto de um encontro (genético, biológico, físico, mental, educativo, social) que lhe permite crescer e, possivelmente, tornar-se construtor seja do presente, seja do futuro. É por isso que *Big*, destinado às crianças, cumpre uma função social e política importante: dar a todos os pais e leitores a possibilidade de crescer com os próprios filhos.

As crianças ajudar-nos-ão a crescer e a amar a vida. Nós pessoas crescidas procuraremos emprestar aos mais pequenos a nossa voz, o nosso olhar, o nosso modo de amar e viver, com uma atitude de total disponibilidade para nos deixarmos guiar por eles, pelo seu modo de amar e de ver as coisas. Eles fá-lo-ão através das suas experiências e da sua maneira de ser.

Temos a certeza que este encontro será fecundo, construtivo, rico de conhecimento recíproco. E se errarmos, de vez em quando, não importa. Porque é mais importante que entremos no jogo, do que ficarmos agarrados a receitas educativas rígidas ou a normas estatísticas que esmagam a criatividade e a alegria.

Então... “entremos no jogo, ou melhor, comecemos a jogar”, dando espaço à criatividade e à fantasia dos pequenos, à paciência e à admiração dos crescidos. Este é um jogo que tem as suas raízes no tempo, desde que no início o homem começou a questionar-se a si próprio e aos outros, procurando encontrar a melhor resposta possível à sua vocação: como ser grande! Sim, porque pode-se ser grande de muitas maneiras. A nós parece-nos que a melhor maneira é fazermo-lo em companhia.

Sermos companheiros e amigos entre NÓS, grandes e pequenos, para descobirmos juntos que precisamos do mesmo leite e da mesma luz. Um leite e uma luz que um Outro, Mãe da própria vida, nos deu e nos dá continuamente, se procurarmos ser amigos e companheiros.

O caminho. As crianças de hoje são iguais e diferentes das de todos os tempos. Iguais porque são criaturas limitadas com o infinito dentro delas. Diferentes porque filhos de hoje, do seu tempo. Por isso, o seu caminho deve ser o mesmo que todos os seus pais também percorreram (com ânsias, alegrias, erros, etc.), tendo em conta o tempo em que vivemos e que se caracteriza pela velocidade e pela proliferação de estímulos.

Tudo isto faz com que se torne difícil reflectir sobre as experiências e transformar em riqueza tudo o que a experiência dos dá, porque somos continuamente arrastados por novos estímulos. Os estímulos produzem emoções, e as emoções produzem impulsos, comportamentos. É por isso que, para além da descrição do modo de crescimento da criança, deter-nos-emos sobre as emoções, entendidas como energia que pode ser conhecida e educada. O nosso caminho compreenderá uma reflexão sobre as características evolutivas das crianças e sobre as diversas emoções de base. Então, boa viagem a todos!

* Psicólogo da idade evolutiva

Dizeis: «É muito complicado estar com as crianças!»

Tendes razão.

Depois dizeis: «Porque é preciso pôr-se ao seu nível, baixar-se até eles».

Agora, estais errados.

Não é isso que mais cansa.

É mais o facto de serdes obrigados a subir à altura dos seus sentimentos.

Ser puxados, alongar-se, elevar-se na ponta dos pés... para não os ferir.

Janus Korczac (pedagogo)